

## A educomunicação no processo de apropriação das novas tecnologias<sup>1</sup>

Rosangene SANTOS<sup>2</sup>

Mineya FANTIN<sup>3</sup>

Lucas JERÔNIMO<sup>4</sup>

Duílio FABBRI JÚNIOR<sup>5</sup>

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, SP

### Resumo

A partir de necessidades da Escola Estadual Adalberto Prado e Silva, de Campinas, o projeto de extensão “Reflexões críticas sobre a mídia no processo de educomunicação” desenvolve oficinas e atividades educativas, junto aos professores e orientadores pedagógicos da escola, no sentido de possibilitar reflexões críticas de diferentes produtos imagéticos presentes nas mídias contemporâneas. O método utilizado é a pesquisa-ação (THIOLLENT, 1985; BOGDAN; BIKLEIN, 1994.). As oficinas e práticas abordadas relacionam comunicação em multiplataformas e educomunicação, na criação de material educativo, em linguagem de fácil acesso, versando sobre leitura crítica dos meios de comunicação, integrando, pelo menos, análises e reflexões sobre mídia televisiva, impressa e digital. Este trabalho apresenta os resultados das discussões promovidas acerca da temática “manipulação e novas tecnologias”.

**Palavras-chave:** educomunicação; manipulação; novas tecnologias.

### Introdução

“Os cidadãos civilizados não são produto do acaso,  
mas de um processo educativo.”

(Karl Popper)

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: [rosangene@hotmail.com](mailto:rosangene@hotmail.com).

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: [my\\_fantin@hotmail.com](mailto:my_fantin@hotmail.com).

<sup>4</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: [lc.edu.jeronimo@gmail.com](mailto:lc.edu.jeronimo@gmail.com).

<sup>5</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas, email: [duilio.fabbri@puc-campinas.edu.br](mailto:duilio.fabbri@puc-campinas.edu.br)

O projeto de extensão “Reflexões Críticas sobre a mídia no processo de educomunicação” surgiu a partir de necessidades apresentadas por professores e orientadores pedagógicos da Escola Estadual Adalberto Prado e Silva, ansiosos por desenvolver, junto aos corpos docente e discente, reflexões críticas de diferentes produtos imagéticos presentes nas mídias contemporâneas, especialmente após a convergência delas em ambiente web e a possibilidade de qualquer pessoa, dotada de recursos mínimos, torna-se um produtor de conteúdo midiático. A escola fica localizada na Vila Costa e Silva, periferia da cidade e, em geral, associada a notícias negativas na mídia, relacionadas à violência e ao tráfico de drogas.

Aprender a ler imagens e a compreender os seus possíveis sentidos tornaram-se habilidades necessárias para desenvolver a capacidade de interagir. Miranda (2013, p. 75) diz que “saber interpretar e produzir mensagens audiovisuais permite que o aluno deixe de ser apenas um receptor e passe a ser um produtor de sentido”. Dessa forma, podemos compreender que, à medida que se ensina a olhar, também se desenvolve a capacidade de lidar com os recursos, que vão além da oralidade, trazendo para si elementos da linguagem das mídias.

A educomunicação, nesse sentido, surge como um campo de interface entre a comunicação e a educação, respeitadas suas especificidades, mas que se interpenetram. Ormanze (2014) acredita que, ao oferecer subsídios para a leitura crítica da mídia, é possível se constituir e se perceber como comunidade a partir da comunicação e pode-se contribuir para o desenvolvimento de novas formas de se relacionar com o mundo e de percebê-lo.

Do ponto de vista institucional, entendendo a universidade como formada por um tripé em que se integram ensino, pesquisa e extensão, este projeto não só se relaciona e contribui com o projeto pedagógico do curso de Jornalismo da PUC-Campinas, bem como com a proposta de extensão difundida pela instituição.

O projeto está aplicando de forma concreta, por meio de uma pesquisa-ação, o conhecimento produzido e existente na Universidade no enfrentamento, nas reflexões críticas do mundo que nos acerca e no entendimento de novas tecnologias e linguagens. Como pesquisa-ação (também conhecida, por alguns autores, como investigação-ação), compreendemos o conceito de Thiollent (1985):

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do

problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1985, p. 14).

Dessa forma, a pesquisa-ação é um método que se adequa perfeitamente à extensão universitária, uma vez que ela visa também o desenvolvimento da autonomia para a resolução de problemas ou demandas sociais:

A investigação-ação pode servir como estratégia organizativa para agregar as pessoas ativamente face a questões particulares. A própria investigação constitui uma forma de ação. Donas de casa que habitavam nas cercanias do Love Canal, em Nova Iorque, o qual era utilizado para descargas de substâncias tóxicas pela Hooker Chemical Company, organizaram uma associação para denunciar os padrões ambientais de envenenamento, preocupadas que estavam com os perigos para a saúde de seus filhos na escola (localizada nas margens do canal). O processo de entrevista de residentes na vizinhança e a observação de doenças na casa das pessoas levou-as a empreender ações para assegurar a saúde das suas famílias. (BOGDAN; BIKLEIN, 1994, p. 297)

Muitos recursos intelectuais têm sido usados para abrir novos caminhos e perspectivas metodológicas entre as áreas de comunicação e educação. Esses percursos vêm sendo trilhados há muito tempo, na maioria das vezes de forma paralela, sem que os especialistas desses campos do conhecimento consigam chegar a um denominador comum para a interface necessária no uso adequado da mídia na escola. Prova disso é que o discurso da especialização das áreas, marcante no século 20, praticamente adentrou o século 21 e só, ao final dos anos 90, é que apareceu o termo “educomunicação”, já claramente interdisciplinar.

De acordo com Soares (2011), provavelmente o primeiro a utilizar o termo “educomunicação” tenha sido o argentino Mário Kaplún (1923-1998), em meados dos anos 70. No entanto, o termo só ganharia força a partir do ano 2000, com o surgimento dos primeiros cursos de pós-graduação e, depois, de graduação, ligados à Universidade de São Paulo (USP), e intitulados de “educomunicação”.

De acordo com Soares (2011), a educomunicação é “um conjunto de ações voltadas a criar e a desenvolver ambiências favorecedoras do diálogo social, mediante um conjunto de ações em vários subcampos: a educação para a comunicação; a mediação tecnológica, a expressão comunicativa, a pedagogia da comunicação e a gestão de processos comunicativos” (SOARES, 2011, p. 12). Ormanzeze (2014) reforça que um trabalho educacional tem duas frentes: preparar para a mídia e pela mídia, ou seja, deve envolver um trabalho de reflexão e também de ação para o uso das ferramentas midiáticas pelos sujeitos envolvidos.

As práticas educomunicativas, ainda que remotamente não recebessem esse nome, desenvolveram-se na América Latina a partir dos anos 1970, principalmente com as contribuições teóricas advindas de Kaplún e Martin-Barbero, que entendem a educação como um processo de mediação:

As mediações referem-se às apropriações, ressignificações e recodificações particulares aos receptores. Outra assunção importante é que a produção, recepção, meio e mensagem só podem ser pensados como um processo contínuo – as mediações – posição de onde é possível compreender o intercâmbio entre produção e recepção. A mediação integra cultura e comunicação na processualidade do cotidiano, é a cultura vivida em sua dinamicidade comunicativa. (BASTOS, 2008, p. 86)

Nessa perspectiva, vale ressaltar que, de acordo com pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2011, quase 70% dos estudantes do sistema público brasileiro se conectou à internet por meio de computadores pessoais (PCs) ou notebooks. Na rede particular, quase todos os estudantes acessaram a rede. Ainda de acordo com a pesquisa, o País tem mais 13 milhões de alunos conectados. Assim sendo, é nesse mundo permeado por diversas tecnologias da informação e comunicação (TICs), que a escola precisa se reinventar e repensar seu papel. Dentro desse processo, a educomunicação apresenta-se como mediadora na intenção de atingir metas. A educomunicação define-se, a partir da perspectiva do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da Universidade de São Paulo (USP), também como uma prática social que tem como resultado o fortalecimento do protagonismo infanto-juvenil tanto na área da recepção qualificada das mensagens midiáticas (*media education*) quanto no do uso das tecnologias para o exercício do direito universal à expressão (*media empowerment*).

Recentes pesquisas nacionais e internacionais, como do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb), do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e do Programa Internacional de Avaliação dos Estudantes (Pisa) indicam o baixo rendimento dos alunos dos Ensino Fundamental e Médio no nível de compreensão, interpretação e reflexão. Nos exames de acesso à universidade, a situação não é muito diferente. Na maioria dessas avaliações estão incluídos textos midiáticos, como notícias de jornal e anúncios publicitários, o que se relaciona, por sua vez, com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que pregam a necessidade do trabalho pedagógico a partir de diferentes gêneros textuais. Compreende-se assim que o projeto de extensão em questão também contribui à medida que oferece a professores um espaço para a discussão sobre o uso das

mídias que não existe nos horários de discussão pedagógica, em função, na maioria dos casos, da falta de tempo e de questões mais urgentes surgidas no interior das escolas.

A simples incorporação de fragmentos de textos midiáticos nos livros didáticos não favorece a leitura crítica do mundo, porque são eles próprios, além de recortes, apenas versões da realidade e muitas vezes apenas utilizados para o desenvolvimento de conteúdos programáticos. Usar a mídia na sala de aula não se trata, por exemplo, de incorporar um texto de jornal ou um anúncio publicitário para analisar uma questão gramatical. Trata-se, antes, de uma leitura dos sentidos produzidos, das ideologias, dos objetivos do interlocutor e do processo de formação desses sentidos.

Não são poucas as vezes em que os textos midiáticos distorcem as suas relações entre presente, passado e futuro, razão pela qual dificultam a percepção crítica do mundo por não estabelecerem as necessárias conexões entre os fatos presentes com suas causas e consequências:

A formação de cidadãos, atributo da escola, passa hoje obrigatoriamente pela habilitação do cidadão para ler os meios de comunicação, sabendo desvelar os implícitos que a edição esconde; sendo capaz de diferenciar, entre os valores dos produtores dos meios, aqueles que estão mais de acordo com a identidade de sua nação; reconhecendo os posicionamentos ideológicos de manutenção do *status quo* ou de construção de uma variável histórica mais justa e igualitária. E, para isso, a escola não pode esquecer-se do ecossistema comunicativo no qual vivem os alunos. Ou seja, ou a escola colabora para democratizar o acesso permanente a esse ecossistema comunicativo ou continuará a operar no sentido da exclusão, tornando maiores os abismos existentes. (BACCEGA, 2003, p. 81)

A sociedade moderna tem a mídia como uma das fontes de influência e poder, pois ela consegue estar presente nas transmissões de informações, na constituição de formas de entretenimento, na geração de temáticas para a discussão e na circulação de discursos sobre grupos, temáticas e até pessoas. Portanto, aprender sobre o mundo editado e, muitas vezes, ditado pela mídia é fortalecer o processo cognitivo, além das aparências, a compreender a polifonia presente nos enunciados da narrativa midiática. Assim, Caldas (2006) lembra que, durante o processo de capacitação dos professores para a utilização da mídia na escola, é necessário compreender as nuances da linguagem com suas múltiplas potencialidades e limites, identificar os elementos discursivos para uma leitura dialógica do mundo, examinar a escolha intencional de palavras e imagens, do dito e do não dito, a fim de entender o porquê do processo de edição dos enunciados e como ele é operado. Tem-se como perspectiva o fato de que aprender sobre o mundo editado pela mídia, a ler além das aparências, a compreender a polifonia presente nos enunciados da narrativa

midiática não são tarefas fáceis, mas desejáveis para uma leitura crítica do mundo. Da mesma forma, discutir a responsabilidade social dos veículos de comunicação, compreender as intrincadas relações de poder que estão por trás de sua composição, além de capacitar professores e alunos para entender os sentidos, o significado implícito no discurso midiático também não são atividades simples. Pelo contrário, exigem muito mais que a competência do domínio do fazer midiático e o entendimento claro de que a linguagem utilizada pela mídia encerra múltiplas interpretações, razão pela qual a leitura da mídia na escola não deve restringir-se à leitura de um veículo, mas à pluralidade dos meios. É necessário reconhecer, portanto, que a linguagem é, por natureza, ideológica. Nesse sentido, pretende-se oferecer subsídios para o desenvolvimento autônomo de estratégias de educomunicação nas escolas, a partir de oficinas, com o levantamento das necessidades e das características do público, apuradas durante o processo de planejamento das atividades.

O projeto teve início em março de 2015 e se baseia em dois eixos centrais: 1) a formação de professores e orientadores pedagógicos vinculados à escola; e 2) a produção de material educativo, em linguagem de fácil acesso, que aborde a leitura crítica da mídia, oferecendo subsídios que possam, após o término deste projeto de extensão, ser utilizado para multiplicar as práticas abordadas e os conteúdos trabalhados durante as oficinas.

### **As oficinas**

Na primeira etapa do projeto, foram desenvolvidas oficinas sobre temas como a importância da comunicação, as novas tecnologias e a linguagem da mídia. Uma das oficinas que mais despertaram a atenção foi sobre a manipulação dos meios de comunicação. Todos os professores têm acesso à internet, TV aberta, rádio e jornal, disponíveis na escola, mas poucos disseram prestar atenção na questão da manipulação e, quando questionados pelo professor extensionista, sobre o que costumavam ver sobre o bairro ou a região nos telejornais ou jornais, a maioria foi enfática em dizer que o foco era a violência, drogas e pobreza. Nenhum deles conseguiu se lembrar de fatos positivos noticiados pela imprensa sobre a região. Um deles, o coordenador pedagógico da escola, citou uma reportagem que havia sido veiculado pelo jornal da cidade, o *Correio Popular*, sobre um projeto desenvolvido na escola sobre a utilização da linguagem teatral para estudar temáticas da história da literatura. O projeto recebeu um prêmio pela qualidade.

Para eles, o discurso midiático tradicional, trazido pela mídia, é a verdade. Quando mostramos duas manchetes do *GI*, canal de jornalismo da *Globo.com*, site oficial da *Rede*

*Globo de Televisão*, o espanto foi maior. Em uma delas a manchete era: “Polícia prende jovens da classe média com 300 kg de maconha no Rio”. A segunda era: “Polícia prende traficante com 10 kg de maconha em Fortaleza”. Com os exemplos, todos puderam entender, como o mesmo veículo, que tem o mesmo padrão de postagem, pode ter se referido ao mesmo assunto de forma diferente, a partir de ideologias distintas.

Houve, ainda, um momento de discussão sobre a forma como a grande mídia veiculava informações a respeito da greve na rede estadual de ensino paulista, que afetava boa parte das escolas havia mais de 40 dias. Tratava-se de um assunto de grande interesse dos professores, haja vista que fazia parte e influenciava diretamente em suas realidades, e que veio à tona durante uma das oficinas sobre manipulação. Sobre essa questão, os próprios professores apontaram uma reportagem publicada pelo jornal *Folha de S. Paulo* no dia 13/06/2015, cuja manchete era “Derrotados, professores encerram greve mais longa da categoria em SP”. Observaram, então, o poder do adjetivo “derrotados” na construção de um sentido que imputava aos grevistas a qualidade de perdedores e, implicitamente, de vencedor ao Governo do Estado. Nesse sentido, nota-se como os professores, a partir das discussões sobre manipulação, desenvolveram a capacidade de perceber como a escolha de determinadas palavras, no caso da mídia impressa e digital, ou de determinadas imagens, no caso da mídia televisiva, podem ditar padrões de comportamento, opinião, construir sentidos diversos e recortar apenas uma visão de mundo para ser veiculada.

A discussão sobre o assunto despertou ainda mais interesse em saber como era o processo de produção e veiculação de uma notícia. A partir daí iniciou-se uma série de discussões, com a afiliada local da *Rede Globo* em Campinas, a *EPTV*, para que os professores pudessem fazer uma visita à redação da emissora e também aos jornalistas do *G1* de Campinas. Entre as negociações e a visita, período de cerca de um mês, os professores investiram no assunto nas salas de aula e incentivaram os alunos a produzir textos, reflexões e até documentários em curta-metragem em vídeos, mostrando como se dava a manipulação e os significados. Interessaram-se também por terem um site da escola, no qual pudessem veicular as notícias de interesse daquela comunidade e trocar informações relevantes.

As duas alunas, bolsistas de extensão e coautoras deste trabalho, começaram a levantar os dados da escola, uma delas de forma voluntária, e a escolher formatos de sites gratuitos na internet. Essa apuração não foi só das duas. Os professores também enviaram dados para que o novo site pudesse ser abastecido com textos, fotos, informações e eventos

da escola. O outro aluno bolsista de extensão ficou encarregado de transformar as oficinas em textos para que fossem postadas todas as discussões. Essa é ainda a base do material didático que os professores farão ao final do projeto, para que outros educadores possam ter acesso ao conhecimento por eles desenvolvidos. O site e o blog ainda não terminaram, mas já podem ser vistos nos links:

<http://proextpradoesilva.wix.com/escolapradoesilva>

<http://proextpradoesilva.wix.com/blogdoprofessor>

Enquanto o site e o blog e os textos ainda estão em fase final, a visita à *EPTV* chegou e, no dia 27/06/2015, 12 membros da escola, entre professores, diretora, funcionários e alunos puderam conhecer onde e como são produzidas as notícias. A visita foi acompanhada do professor responsável pela extensão, Duílio Fabbri Jr., e pela bolsista Mineya Fantin.

O grupo foi recebido pelo editor-executivo da emissora, Cassio Ribeiro, que mostrou cada departamento do Jornalismo, como a rádio-escuta – local em que os jornalistas apuram as informações do dia a dia e que vão virar reportagem e informações nos telejornais. Em seguida, conheceram o setor de pauta, no qual são pensadas as notícias, apuradas, contatadas as fontes, pessoas que exercem funções oficiais da sociedade e que conseguem passar as informações balizadas pelos jornalistas. Depois foram conhecer a editoria. Nesse setor ficaram surpresos, pois uma pessoa apenas é responsável por editar a reportagem que vai ao ar. Descobriram que ela tem que decupar todo material bruto e montar a estrutura da reportagem. As pessoas logo começaram: “Mas a manipulação pode acontecer aqui... Ninguém está vendo”. “E se o editor errar, quem vai saber?” e com elas, as respostas, dizendo que, embora possível, atualmente a possibilidade de manipular também é repensada, uma vez que o acesso a outros meios de comunicação e a interatividade, por parte dos receptores, é facilitada e pode se transformar em denúncia. Se isso acontece, a emissora, o jornal, ou o site correm riscos de ficar sem audiência e, sem ela, não há patrocinador e comercial, tornando-se difícil manter a emissora.

Logo depois foram ao estúdio e viram como os apresentadores leem a notícia, através do *teleprompter*, um equipamento, à base de vidros com reflexos, que projetam o texto escrito pelo editor, sem que haja interferência na lente da câmera. A aluna extensionista e o professor, que acompanhavam a visita, puderam registrar em fotos e depoimentos, que também poderão ser vistos no link do site da escola. Para terminar, foram



levados ao *GI Campinas*, na própria sede da emissora, e puderam discutir a seleção de matérias e saberem como são postadas.

Quando terminou a visita, era grande a ansiedade em falar, em escrever, em expressar. Como o site do projeto não está completamente pronto, quase todos usaram suas redes sociais para falar da visita e, assim, após as férias de julho, poderão começar as oficinas do segundo semestre com muitas perguntas e novas visões sobre o processo de produção da notícia.

### **Considerações finais**

A experiência reportada nesse texto versa sobre o projeto de extensão na Escola Estadual Adalberto Prado e Silva, na periferia de Campinas. Ainda que esteja na metade do seu desenvolvimento, percebe-se a importância dessa construção de conhecimento e saberes, no sentido de construir práticas que levem em consideração não só as expectativas dos professores, mas da universidade e dos alunos bolsistas de extensão.

Num primeiro momento, já é possível perceber que, quando entramos em contato com uma sociedade tecnológica e midiática como a que estamos vivendo, a aceleração dos processos oriundos da informatização, das inovações tecnológicas, acrescentadas ao meio social, com absurda abrangência e rapidez jamais vista, pode muitas vezes nos deixar em estado de perplexidade. Entender esse novo ambiente é parte fundamental para compreendermos nossa própria evolução, pessoal e profissional. Criar e desenvolver um senso crítico é condição imprescindível na construção do saber e do conhecimento, dando oportunidade de decisões mais autônomas e conscientes. Assim, embasando-nos nas reflexões feitas junto aos professores, conclui-se a importância de trazer à tona esse meios e veículos que fazem parte do dia a dia da escola e, dessa forma, beneficiar os caminhos didático-pedagógicos, considerando ainda que as vantagens das tecnologias e de seus avanços podem edificar a educação no compromisso com a cidadania, entendida nesse processo de construção histórica e crítica da sociedade.

Ormanze e Fabbri Jr. (2015) colocam que, com essas experiências, construídas na relação entre ensino, pesquisa e extensão, própria das universidades, tem-se clareza de que, ao oferecer subsídios para a leitura crítica da mídia, é possível se constituir e se perceber como comunidade a partir da comunicação e pode-se contribuir para o desenvolvimento de novas formas de se relacionar com o mundo e de percebê-lo.

Não é preciso evitar ou rechaçar a tecnologia. É preciso entendê-la, para aplicá-la bem para o benefício de uma sociedade melhor e mais justa. É interessante notar como uma ação educacional não só altera a forma de pensar, como também contribui para uma argumentação menos baseada em discursos estereotipados ou lugares-comuns. As atividades de nossa pesquisa-ação têm mostrado como a metodologia, que alia reflexão e atuação, pode ser útil para atividades de extensão universitária e para o crescimento tanto da equipe responsável pela execução quanto para os participantes, que desenvolvem a autonomia, o senso crítico e a capacidade de participar diretamente dos rumos do projeto. Assim, todos os envolvidos sempre puderam contribuir com a construção dos saberes, numa relação que é horizontalizada e construtiva.

## Referências

BACCEGA, M.A. **Televisão e escola: uma mediação possível?** São Paulo: SENAC, 2003

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto, Portugal: Porto, 1994.

BASTOS, M. T. A. Do sentido à mediação: às margens do pensamento de Jesús Martín-Barbero. **Famecos.** Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/5369/4888>. Acesso em: 17 out. 2014.

MIRANDA, F. Cinema e produção de vídeo na escola: da prática à análise de questões pedagógicas sobre o ensino da linguagem audiovisual. In: PAVANI, C.; PARENTE, C.; ORMANEZE, F. (orgs.). **Educomunicação, redes sociais e interatividade.** Campinas: Leitura Crítica, 2013, p. 75-94.

ORMANEZE, F. Educomunicação, comunicação comunitária e jornalismo literário: três teorias e algumas propostas em um projeto de extensão. **Revista Linha Mestra.** Unicamp: ALB, v. 1, n. 25, jul/dez 2014, p. 36-52.

\_\_\_\_\_. FABBRI JÚNIOR, D. Educomunicação como fundamento em projetos de extensão: processos midiáticos com alunos e professores. **Anais da X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-americana de Mídia Cidadã.** Bauru: Unesp, 2015.

SOARES, Ismar. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina Castilho (orgs.). **Educomunicação – construindo uma nova área de conhecimento.** São Paulo: Paulinas, 2011, p. 13-30.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1985.